

## A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial

*The city and the cemetery: a patrimonial education experience*



### RESUMO

A proposta deste relato é apresentar o projeto intitulado "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial", uma atividade de campo, cujo objetivo é promover visitas guiadas que se realizam, desde o ano de 2012, no primeiro cemitério público edificado na cidade de Belo Horizonte/MG. Partindo das visitas cimiteriais, o propósito da ação é estimular o debate sobre temáticas que transitam pela educação patrimonial, pela história da cidade e de seus habitantes, bem como pela pesquisa acadêmica, tendo como parcerias três instituições públicas, nomeadamente, a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a Fundação de Parques Municipais (FMP) e o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). Neste relato é descrita a gênese da atividade, destacando seus objetivos, a construção da metodologia para organização das visitas, bem como os desdobramentos na atualidade, realçando sua fluidez e longevidade, ressaltando a importância de se construir ações concretas que promovam a disseminação do conhecimento, a troca de experiências e a consciência sobre a necessidade de preservar o patrimônio cultural, dentre eles o cimiterial.

**Palavras-chave:** Cemitério do Bomfim/Belo Horizonte/MG – Cemitério e preservação patrimonial – Cemitério e educação patrimonial – Cemitério e visitas guiadas

### ABSTRACT

The purpose of this report is to present the project entitled "Bonfim cemetery: art, history and heritage education", a field activity, which aims to promote guided tours that since 2012 have taken place in the first public cemetery built in the city of Belo Horizonte / MG. Taking the cimiterial visits as a starting point, the present purpose is to stimulate dialogue around issues transiting through heritage education, the history of the city and its inhabitants, as well as academic research in partnership with three public institutions, namely the Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); the Fundação Municipal de Parques (FMP) and the Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). In this report, the origins of the activity are described, as well as the construction of the methodology for the organization of the visits and developments in the contemporary world, focusing on its fluidity and longevity, emphasizing the importance of building concrete actions to promote the dissemination of knowledge, exchange of experiences and awareness of the need to preserve the cultural heritage.

**Keywords:** Bonfim Cemetery/Belo Horizonte/MG – Cemetery and heritage preservation – Cemetery and heritage education – Cemetery and guided tours

\* Doutora em História (2007) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Professora do Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte - Estácio BH. Coordenadora do ASI - Arquivo de Som e Imagem, situado no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design, UEMG. CV: <http://lattes.cnpq.br/6813138729924319>

\*\* Este relato de experiência toma como base os relatórios entregues à Fundação de Parques Municipais (FPM) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), entre os anos de 2012 e 2015, como resultado do projeto "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial". Algumas das ideias aqui presentes foram apresentadas durante o VI Fórum Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio, ocorrido em Belo Horizonte, entre 04 a 06 de junho de 2014, e durante o XXVIII Simpósio Nacional de História, ocorrido em Florianópolis-SC, entre 27 a 31 de julho de 2015.





Cemitério do Bonfim, situado na cidade de Belo Horizonte, para além do cumprimento de suas funções habituais ligadas ao sepultamento e culto aos mortos, tem despertado cada vez mais o interesse para seu potencial como lugar de fruição e, concomitantemente, como espaço educativo. O hábito de ministrar aulas específicas utilizando o espaço fúnebre vem sendo, recorrentemente, praticado pelos docentes da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), ocasião em que atividades de pesquisa se concretizam através de disciplinas diversas, que são ministradas para os cursos de Design Gráfico, Design de Produto, Design de Ambientes e Licenciatura em Artes Visuais. O propósito dessas aulas, além da coleta de material e investigação acadêmica, é o exercício de atividades que se traduzam em experiências voltadas para a educação patrimonial.

Esta prática vem, desde junho de 2012, se estendendo a outros segmentos da sociedade belo-horizontina, por meio da ação extensionista que, em parceria com Fundação de Parques Municipais, FPM e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA, têm promovido visitas mensais ao cemitério, com o intuito de instigar e despertar o interesse para aquele ambiente como local educativo e espaço de pesquisa. Estas atividades têm, a cada dia, incrementado de modo considerável a visibilidade naquilo que se refere ao cemitério e, conseqüentemente, tem possibilitado a necessidade de ampliação do conhecimento do acervo e história daquele lugar, resultando na abertura de novos campos de investigação para os pesquisadores atuantes em diversas áreas de conhecimento. A atividade de campo realizada tem proporcionado uma reabilitação do espaço cemiterial, resultando em experiências diversificadas que promovem a preservação do espaço, integrando múltiplos saberes, que transitam pelas áreas da História, Artes visuais, Design, Arquitetura, Turismo, dentre outras. Além disso, vem fomentando a ideia de pertencimento e identidade em relação à necrópole, sensibilizando os poderes público e privado para a promoção de ações voltadas para o zelo do patrimônio histórico e cultural que ali se encontra abrigado.

Este relato tem como objetivo explicitar como foi construído esse trabalho de campo, destacando sua emergência como resposta a uma demanda acadêmica que pouco a pouco foi se transformando em atividade extensionista e cultural, com claros propósitos educacionais. A princípio, será apresentada uma contextualização histórica do Cemitério do Bonfim e sua relação com a história da cidade, e sua importância como lugar de memória e identidade da capital mineira. Posteriormente será descrita a atividade extensionista, bem como seus desdobramentos como atividade de pesquisa e investigação.

Destaca-se que a realização do projeto se justifica, diante da importância do Cemitério do Bonfim para a cidade e seus habitantes, pois além de ter sido o único espaço funerário durante mais de cinquenta anos, abriga um acervo que permite a compreensão desta sociedade em sua multiplicidade. As atividades de educação patrimonial, bem como o trabalho de pesquisa e mapeamento do espaço funerário contribuem para o processo de ampliação, apropriação e conscientização da população, dos proprietários e visitantes.



## O cemitério e a cidade: história e memória

A capital mineira, Belo Horizonte, completará 119 (cento e dezenove) anos no final do ano de 2016. Cidade planejada e construída a partir das orientações e condicionantes da modernidade vigejante no final do século XIX. Ao se tornar interesse de estudo e investigação, esta cidade fornece ao pesquisador um imenso e multifacetado acervo para análise e compreensão. É possível ler uma cidade de muitas maneiras, e Belo Horizonte não foge a esta máxima. Os lugares, os equipamentos urbanos, os habitantes e o modo como se relacionam com o ambiente podem se constituir em um problema a ser confrontado e dissecado. É a partir deste viés que se elegeu o cemitério como tema de interesse histórico, como é o caso do Cemitério do Bonfim.

A despeito das diferenças locais, regionais e estruturais, os cemitérios construídos em meados do século XIX em diversas capitais do império brasileiro contêm elementos de interseção. São resultados da mentalidade do período: as medidas médico-sanitaristas que orientavam acerca do melhor e mais adequado método para inumação dos corpos; traduzem desejos de vaidade, poder, glória, por meio das construções tumulares; e, neste sentido, são depositários de um acervo que traduz valor histórico e estético, que destacam os cemitérios oitocentistas como espaços singulares.<sup>1</sup> São lugares de memória, do cultivo da memória individual e coletiva e traduzem um eloquente desejo de perpetuação e lembrança. É com esta perspectiva que se vislumbra o Cemitério do Bonfim, o mais antigo e tradicional da capital mineira.

Erguido em 1897 fora do perímetro urbano da capital mineira, o cemitério absorveu em seu projeto e concepção o mesmo referencial da cidade construída. O planejamento de sua localização implicava também projetar sua linguagem estética e arquitetônica. Para tanto, a equipe de arquitetos e desenhistas da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas (CCNCM)<sup>2</sup> elaborou projetos que definiam os aspectos básicos do local, desde o portão principal, a casa do zelador até o necrotério. Trabalharam nos projetos o arquiteto, engenheiro e geógrafo José de Magalhães (1851-1899), chefe da Seção de Arquitetura da mencionada comissão; além de outros profissionais que deixaram seu registro em vários espaços da capital mineira, dentre eles o espaço dos mortos (Almeida, 1997; 2004 e 2007).

O cemitério é um lugar privilegiado para entender uma cultura e seus aspectos simbólicos e artísticos. Por intermédio da arquitetura, escultura e artes decorativas, cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos (Borges, 2002). Esta leitura da sociedade belo-horizontina pode ser feita tomando o cemitério como ponto de referência. Como parte do projeto republicano e positivista, no qual a capital mineira foi idealizada e erguida, representando rupturas decisivas numa sociedade tradicionalmente calcada na religião. Estas mudanças que se concretizam no século XIX configuram-se como resultantes de um processo de laicização da sociedade ocidental que teve início no século XVIII, a partir dos debates iluministas que ganharam volume e densidade com a Revolução Francesa e, finalmente, se cristalizam em ações concretas nos oitocentos (Catroga, 1999; Almeida, 2007).

1 Sobre este tema, conferir o levantamento bibliográfico em (BORGES, 2010).

2 A Comissão Construtora da Nova Capital de Minas (CCNCM) foi criada pelo governo do Estado de Minas Gerais, através do Decreto Estadual nº 680 de 14/02/1894, cuja atribuição era cuidar de todas as providências necessárias para construção da cidade que seria a nova sede administrativa do Estado. Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936) foi nomeado o engenheiro-chefe, cargo assumido posteriormente por Francisco de Paula Bicalho (1847-1919). A Comissão foi instalada no Arraial do Belo Horizonte em 01/03/1894 e extinta pelo Decreto Estadual nº 1.095 de 03/01/1898 (SALGUEIRO, 1997).



O Cemitério do Bonfim é considerado um cemitério oitocentista tardio – criado em fins da década de 1890 – e, conseqüentemente, nasceu como resultado de discussões que haviam se realizado no tocante à secularização dos espaços fúnebres, dos costumes e da sociedade, desde meados do século XIX (Reis, 1991; Rodrigues, 1997 e 2005; Silva, 2005). Até a década de 1940 foi o único cemitério da capital mineira. Todos eram nele sepultados. O traçado arquitetônico do cemitério é tão geométrico quanto a cidade: composto por 54 (cinquenta e quatro) quadras divididas entre duas alamedas principais e ruas secundárias (ver Figura 1). A parte central da necrópole é uma praça redonda ajardinada, tendo a imagem de Cristo, o Sagrado Coração, esculpida em bronze. Neste local está sepultado Otacílio Negrão de Lima (1897-1960), ex-prefeito de Belo Horizonte, à esquerda da praça, distando 05 (cinco) quadras, onde se encontra o prédio do necrotério (Figura 2).

**Figura 1. Mapa do Cemitério do Bonfim com indicações das quadras, da praça principal e do prédio do necrotério**



**Fonte:** Acervo do projeto: “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, feito em parceria com a Fundação de Parques Municipais e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico Artístico

O Necrotério consiste em uma construção singular, edificada dois anos antes da inauguração do cemitério. É o único bem tombado pelo patrimônio histórico naquele espaço. Nas quadras localizadas nas alamedas principais predominam os mausoléus, as capelas e as sepulturas mais requintadas, construídas com material nobre, muitas delas importadas de São Paulo, Rio de Janeiro e, até, do exterior. A maioria dos túmulos que ocupam estas quadras pertence a famílias influentes e importantes da capital mineira em seus respectivos contextos, e também são monumentos dedicados à elite política do Estado de Minas Gerais. Nas quadras mais afastadas da parte central e das alamedas há sepulturas mais simples, destituídas de atributos e alegorias

suntuosas.

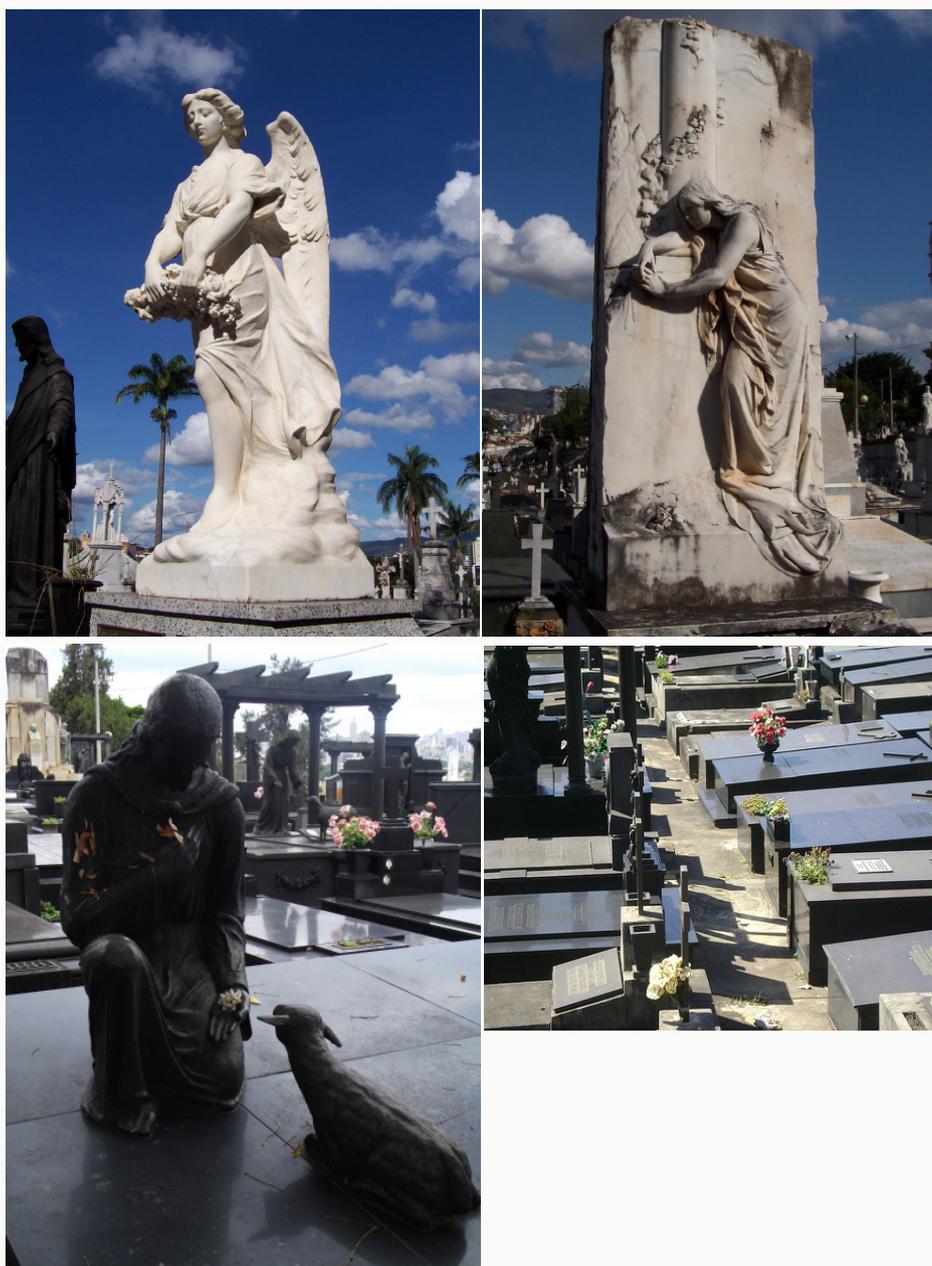
**Figura 2. Prédio do necrotério do Cemitério do Bonfim**



**Fonte:** Acervo do projeto: “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”

Nestes mais de cem anos de existência, o espaço cemiterial atravessou distintas fases. Desde sua inauguração até a década de 1930, é possível identificar uma variedade de túmulos que exploram os recursos estilísticos da época, o *art nouveau*<sup>3</sup>. A influência francesa se faz sentir na decoração tumular importada do Rio de Janeiro, São Paulo e exterior, em alguns casos até a exploração de matéria-prima local. A utilização do bronze é mais perceptível a partir da década de 1940, momento em que a massificação e a repetição de alegorias, imagens e símbolos predominam na escultura funerária. Nas décadas seguintes, o fabrico tumular deixou de ter esta rebuscada característica artesanal e, em virtude da mudança de valores estéticos, sociais e mentais, a opção por túmulos rebuscados se perdeu. As figuras 3 e 4, em sentido horário, respectivamente, o anjo da desolação e a alegoria da lamentação esculpidas em mármore, são exemplos de um momento do histórico construtivo da decoração tumular, no qual o uso de materiais nobres era prática usual. Por outro lado, a figura 5 ilustra a padronização e empobrecimento dos elementos decorativos e a figura 6, Cristo e a ovelha, exemplifica o uso da escultura em bronze, um método escultórico popular que, além de viabilizar o custo, é muito mais durável que o mármore.

3 Movimento artístico do final do século XIX e início do século XX cuja proposta era integrar arte e indústria. Esta linguagem estética floresceu na maior parte da Europa Ocidental e nos Estados Unidos desde 1890 até a primeira Guerra Mundial. Era uma tentativa de reação ao historicismo clássico do século XIX propondo uma integração com o mundo industrializado sem corromper o sentido da arte. Por se caracterizar como arte ornamental manifestou-se nas artes aplicadas, na decoração e ilustração, muito embora haja reflexos na produção artística de pintores, escultores e arquitetos. Propunha-se recuperar, renovar o artesanato em contraponto ao avanço da máquina e da indústria, projetando uma integração (GOMBRICH, 2008, p. 535-537; BELL, 2008, p. 50, 368 e 395).

**Figuras 3, 4, 5 e 6: Exemplos de construção tumular no Cemitério do Bonfim.**

**Fonte:** Acervo do projeto: "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial"

Na contemporaneidade, não é mais hábito investir na confecção de túmulos grandiosos como os de outrora, predominando a lápide simples de granito com o nome do falecido e, às vezes, uma cruz encimando sua cabeceira. Na realidade, é possível verificar a opção pelo afastamento deste tipo de cemitério, na medida em que ocorre um deslocamento da preferência para outros tipos de sepultamento ou destinação dos falecidos, a exemplo dos cemitérios parques e do uso crescente da cremação. Este dado pode ser ilustrado pela variedade de túmulos em processo de ruína, destacando não somente uma mudança de concepção mental

em relação à morte e ao morrer, como certo esquecimento em relação à história, à memória dos antepassados (na forma de construção tumular sobre seus restos mortais) e à preservação do patrimônio cultural da capital.<sup>4</sup> As opções no tocante aos espaços da morte foram ampliadas na capital mineira a partir da década de 1940, e a preferência por ambientes menos carregados de imagens e lembranças fúnebres está mais de acordo com a concepção que se possui da morte na atualidade (Menezes, 2004 e 2011).

Em 1941, o Prefeito Juscelino Kubitschek (1902-1976) inaugurou o Cemitério da Saudade, situado na Rua Juramento s/n., no bairro que leva o mesmo nome do cemitério, na região leste da cidade. Ele ainda mantinha algumas características arquitetônicas semelhantes às do Bonfim. Em 1967, a prefeitura entregou aos moradores o Cemitério da Paz, construído na zona noroeste, no bairro Caiçara, adotando os padrões de cemitério-parque, sem túmulos tradicionais. Alguns anos adiante, em 1979, o Cemitério da Consolação, na região norte, situado às margens da Estrada Velha para Santa Luzias era concluído. Estes são administrados pelo poder público. No início da década de 1970 foi inaugurado o primeiro cemitério-parque de luxo da capital, o Parque da Colina. Construído com linhas modernas, eliminava os túmulos de grande proporção, objetivando transmitir “amenidade e paz”. Localizado a oeste da capital, no bairro Nova Cintra. Desde 1937, há, também, o Cemitério Israelita, situado no bairro Jaraguá, na região da Pampulha e, desde a década de 1980, o Cemitério Bosque da Esperança, próximo ao Cemitério da Consolação. Trata-se, na atualidade, de espaço para os mortos com características modernas e preferido por aqueles que possuem recursos para nele serem sepultados. É interessante observar que se contrapõem ao primeiro cemitério da capital até em relação ao nome. Enquanto o “Bonfim” faz alusão à morte como um fim, um ponto final, ainda que bom, o Cemitério Bosque da Esperança acena para a possibilidade de vencer a morte por meio da esperança; questão que é pertinente ao mundo contemporâneo, no qual a medicina dotada de avançados recursos torna a morte um inimigo menos perigoso em relação o que foi no passado (Menezes, 2003 e 2013).

Entretanto, o Cemitério do Bonfim se destaca no cenário da cidade por sua arquitetura, arte e história, pois, para além ser o único espaço funerário da capital, incorpora em seu acervo o ofício de marmoristas, artistas e artesãos que deixaram registrados na construção tumular seu talento e capacidade criativa. Trata-se de um espaço significativo para se compreender Belo Horizonte. Tanto a educação patrimonial como ações de sensibilização da população para com a importância da necrópole são atividades pertinentes para a preservação da memória e do patrimônio material e imaterial que compõem o acervo do espaço fúnebre. A partir de reflexões sobre este potencial passamos a propor visitas de campo e de pesquisa no cemitério, que se tornaram, desde junho de 2012, um projeto extensionista da Universidade do Estado de Minas Gerais, voltado a atender a população da cidade em geral.<sup>6</sup>

4 Sobre esta questão, ver (Castro, 2008, p. 58-112; Coutinho, 2012, p. 32; Mundim, 2011 e Nogueira, 2013, p. 64-84).

5 Santa Luzia é um município do Estado de Minas Gerais que pertence à região metropolitana de Belo Horizonte. Sua história remonta ao período colonial, à época da mineração, no final do século XVII, quando a bandeira de Borba Gato (1649-1718), implantou o núcleo de uma vila às margens do Rio das Velhas.

6 Trata-se do projeto: “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, realizado através de Termo de Cooperação Técnica selado entre a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Fundação de Parques Municipais (FPM) e Instituto Estadual de Patrimônio Histórico Artístico (IEPHA). O financiamento para execução do mesmo é feito através dos recursos possíveis e disponíveis para cada instituição envolvida. É facultado, contudo, a busca de recursos em outras agências de financiamento e captação de patrocinadores.



## A experiência em educação patrimonial: o Cemitério do Bonfim

Há mais de vinte anos o Cemitério do Bonfim é utilizado como espaço educativo e lugar de turismo, como sala de aula a céu aberto.<sup>7</sup> No local, estudantes dos mais variados estágios e graduações vêm sendo convidados a tomar parte de atividades que envolvem visita, pesquisa, investigação, desfrute e compreensão dos significados inerentes ao local. O objetivo destas visitas tem se constituído na coleta de material, investigação acadêmica e promoção de educação patrimonial, seja como complementação de estudos específicos voltados para a história da cidade ou como proposta para análise semiótica e artística do acervo contido no espaço cemiterial. De fato, quando se pensa sobre esta questão, o aspecto central é problematizar novas modalidades de compartilhamento dos estudos históricos, sociológicos, artísticos, em consonância com as reflexões propostas pela pesquisadora Pinheiro (2010), que alerta para a importância do ensino da História como caminho de mão dupla, no qual se ensina e se aprende, estabelecendo uma relação que transforme a sala de aula para além dos espaços formais, propondo maneiras inteligentes e criativas de atuação e construção do conhecimento.

É a partir desta perspectiva que as visitas orientadas consistiram em momento de ensino-reflexão, oportunizando o debate sobre patrimônio, conservação e proteção. Atualmente, as visitas com propósitos acadêmicos contam com minha coordenação e, desde o segundo semestre de 2012, vêm sendo ofertadas à população belo-horizontina. A proposta é conscientizar e ampliar o debate social acerca das noções discutidas no espaço acadêmico, mas que devem e podem ser ampliadas para a comunidade em geral. Cabe aqui destacar o argumento de Pinheiro: “A educação patrimonial é elemento a ser considerado no processo de salvaguarda das referências culturais” (2010, p.154); tornando necessário que:

*os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória, com a história local. É preciso despertar as populações para a percepção e valorização de lugares, de saberes, de celebrações, por meio de apreensões visuais dos bens da comunidade. (Pinheiro, 2010, p.154)*

Nesta vertente da educação patrimonial e de interlocução com a comunidade externa à academia, o projeto de visitas ao Cemitério do Bonfim foi consolidado. Desde junho de 2012, foi selado um acordo entre a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a Fundação de Parques Municipais (FPM) e o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA), com o intuito de promover a visita àquele espaço para além do público acadêmico. A ideia da primeira visita surgiu a partir de diálogo entre a UEMG e FPM, sobre a possibilidade de oferecer à comunidade em geral a atividade que já se realizava no âmbito acadêmico. Foi agendada para o dia 24 de junho e a divulgação foi realizada pelas redes sociais. Para a divulgação foram produzidos folders impressos e digitais (ver Figura 7), divulgados em diversos espaços públicos, bem como nas redes sociais, com o intuito de alcançar maior número e diversidade de interessados. Mais de 30 (trinta) inscritos se dispuseram a participar do evento, movidos pelo desejo de conhecer

<sup>7</sup> O espaço cemiterial sempre foi utilizado como espaço educativo, tanto por mim, como por docentes de outras instituições de ensino da capital mineira. O diferencial entre o que já foi realizado e o que se propõe na contemporaneidade é, exatamente, seu caráter extensionista, atravessando as fronteiras acadêmicas, propondo a partilha com a sociedade modo geral.



o cemitério, explorando sua história e acervo.

Foram definidas as condições para realização da visita, quais sejam: o número máximo de visitantes, entre 30 (trinta) e 40 (quarenta); autorização para realização de imagens, respeitando a privacidade das famílias sepultadas; o uso de indumentária confortável e apropriada para o ambiente; recomendação para uso de filtro solar e água, durante todo o trajeto.

**Figura 7. Folder para divulgação da primeira visita guiada ao Cemitério do Bonfim (2012)**

**Visita guiada ao Cemitério do Bonfim**

**Arte**

**História**

**Memória**

**Folclore**

Venha conhecer este museu a céu aberto e descubra os mistérios de sua construção e o significado de suas obras de arte.

**24 de junho, Domingo, às 9h**  
**Rua Bonfim, 1.120**

**VAGAS LIMITADAS**  
Inscrições pelo telefone 3277-5398  
ou pelo e-mail: agendaparques@pbh.gov.br

FUNDAÇÃO DE PARQUES MUNICIPAIS

PREFEITURA BELO HORIZONTE  
www.pbh.gov.br

**Fonte:** Acervo do Projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial” Produzido em parceria com o setor de comunicação da Fundação de Parques Municipais.

No dia, os inscritos foram recebidos pela equipe responsável pela condução da visita, e pela imprensa local, que se mostrou muito interessada na atividade proposta. A condução da visita foi realizada por mim. Todos os presentes se reuniram no portão principal do espaço cemiterial, ocasião em que as recomendações básicas foram repassadas, bem como foram discutidos aspectos relevantes sobre a construção do cemitério, relacionando-os com a construção da capital. Foi proposto um roteiro de visitas, baseado nas incursões realizadas anteriormente, com duração de 03 (três) horas, no qual foram escolhidos, dentre o acervo, túmulos com características variadas e explorado seu conteúdo imagético, semiótico, simbólico e histórico. Foram visitados túmulos mais comuns, padronizados, capelas-jazigo, jazigos monumentais e construções tumulares de caráter cívico, construídas em honra à memória de homens públicos, sempre explorando as narrativas que deles poderiam emergir (ver Figura 8).

**Figura 8. Mausoléu destinado a Raul Soares de Moura (1877-1924) e os visitantes no dia 24 de junho de 2012**



**Fonte:** Acervo do Projeto "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial"

Desde a visita inicial, as subsequentes foram realizadas de forma constante e sistemática, sempre contando com um número significativo de participantes. A primeira visita gerou uma expectativa e interesse tal que foi necessário criar um calendário extra, para atender às solicitações da comunidade que desejava participar do evento. Fato esse que permite afirmar que a iniciativa foi bem recebida pela população. A partir desta experiência, foi proposta a construção prévia de um calendário anual a ser divulgado junto à população, convidando-os a se organizar e se inscrever. É facultado àqueles que se inscrevem e, efetivamente, participam das visitas, um

8 Estavam presentes os funcionários responsáveis pelo setor de eventos, representantes da Fundação de Parques Municipais: Gisele Mafra e Mônica Sallum, bem como os estudantes voluntários: Marcella Cristina de Almeida Pinheiro e Julio Cesar de Aguiar Santana, que se responsabilizaram pelo registro de imagens. Na primeira visita o IEPHA não enviou representantes.

certificado, inicialmente físico e atualmente digital, que é enviado para o endereço eletrônico indicado no ato da inscrição. Para cada visita é construída uma lista de inscrição e presença que deve ser assinada, nela consta nome e e-mail do visitante. Para uma noção do fluxo de visitantes e interessados, vale observar o quadro abaixo.

**Quadro 1. Fluxo de visitantes durante os anos 2012-2015**

Ano	Número de visitantes
2012*	121
2013**	220
2014	247
2015	236
TOTAL	824

**Fonte:** Acervo do Projeto "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial"

\* Neste ano, as visitas aconteceram durante os meses de junho a outubro.

\*\* A partir deste ano, as visitas começaram a se realizar entre os meses de fevereiro e novembro.

A receptividade da atividade foi compreendida pelo grupo proponente como uma resposta positiva por parte da sociedade não acadêmica, desmistificando a ideia de que não haveria interesse para este tipo de atividade cultural. Entende-se, inclusive, que é por falta de oferta e estímulo que as pessoas, de modo geral, não exploram ou não se interessam pelos espaços da cidade em que vivem. A proposta das visitas, além de ressignificar o sentido normativo do espaço cemiterial, convida o público participante a um processo de ressignificação dos espaços da cidade, estimulando a curiosidade e o sentimento de pertencimento. Assim, enriquece as ações com vistas à preservação e ao cuidado para com o patrimônio construído socialmente. Analisando os resultados apontados pelo quadro acima é possível entender que o orgulho, a autoestima e a compreensão da importância de se pensar em práticas e formas para preservação cultural é uma tarefa que cabe a todos, mas de modo particular, às ações que envolvam a educação patrimonial (Tolentino, 2012).

Esta experiência tem revelado que a educação patrimonial é um caminho possível para o melhoramento e aprimoramento da relação entre os habitantes e as cidades e, no caso específico, entre os belorizontinos e o Cemitério do Bonfim, pois é um começo para que outros espaços fúnebres existentes na capital sejam, também, objeto de investigação, cuidado e fruição. Desde o início do projeto até o momento, é possível afirmar que muitos aspectos mudaram em relação ao Cemitério do Bonfim.

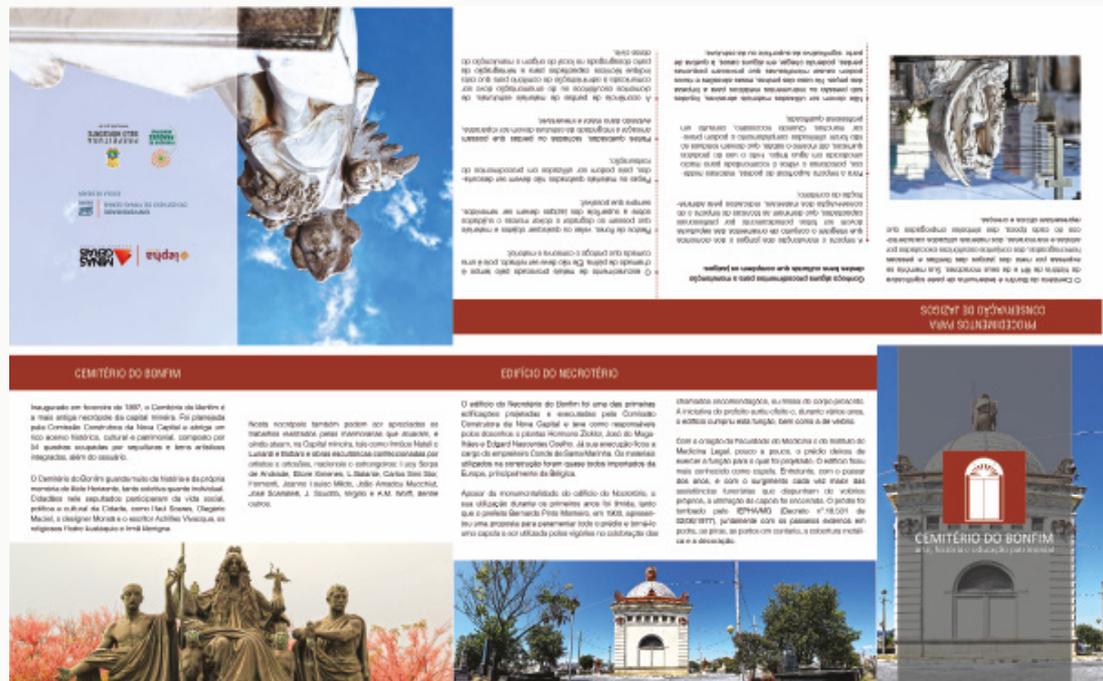
Um primeiro conjunto de mudanças foi em referente à maior publicização da atividade, gerando tanto um crescimento do interesse da população em participar das visitas, como interesse e envolvimento dos meios de comunicação nas/pelas atividades. Tal aspecto é responsável pela intensificação da divulgação das visitas em jornais e revistas impressos e eletrônicos, bem

como na mídia televisiva.<sup>9</sup> A divulgação tem contribuído para o interesse dos proprietários de túmulos em cuidar e zelar por suas construções tumulares. Não por acaso, em 03 de setembro de 2013, a administração municipal transformou o Cemitério do Bonfim em ponto turístico, pela promulgação da Lei 10.655/2013, por parte do Prefeito Márcio Lacerda.<sup>10</sup> O investimento do poder público municipal na necrópole também ocorreu por intermédio da administração do cemitério, por meio da limpeza da necrópole, da colocação de lixeiras em locais estratégicos, revitalização dos jardins e disponibilização das chaves do prédio do antigo necrotério, para franquear a entrada daqueles que integraram o grupo de visitantes. Paralelamente a essas ações de maior visibilidade pública e de obtenção da chancela municipal às visitas cemiteriais, o projeto ganhou densidade e organicidade, com a obtenção de financiamento, mediante concessão de bolsas de iniciação científica, ofertadas pelo mecanismo de editais, pelas agências de fomento à pesquisa e extensão. A confecção do folder educativo (Figura 9) é exemplo, em decorrência de parceria com as instituições envolvidas no projeto, no qual estão inseridas informações sobre o cemitério. Com a localização das quadras e túmulos, o mapa permite que o visitante se oriente, além de receber indicações sobre os cuidados para a preservação dos túmulos.<sup>11</sup>

- 
- 9 Cemitério do Bonfim receberá visitas guiadas a túmulos e mausoléus em Belo Horizonte. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/24/cemiterio-do-bonfim-recebera-visitas-guiadas-a-tumulos-e-mausoleus-em-belo-horizonte.htm>> Data de acesso: 13/06/2016. Visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim serão retomadas neste fim de semana. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/horizontes/visitas-guiadas-ao-cemiteio-do-bonfim-ser%C3%A3o-retomadas-neste-fim-de-semana-1.295988>> Data de acesso: 10/06/2016. Visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim, edição 2016. Disponível em: <<http://www.ed.uemg.br/noticias/2016/03/visitas-guiadas-ao-cemiterio-do-bonfim-edicao-2016>> Data de acesso: 10/06/2016. Cemitério do Bonfim, história e arte de Belo Horizonte Disponível em: <<http://www.viagemdigital.com.br/cemiterio-bonfim-belo-horizonte/>> Data de acesso: 13/06/2016. "Nós que aqui estamos por vós esperamos" Disponível em: <[http://www.revistaencontro.com.br/app/noticia/revista/2013/05/07/noticia\\_revista\\_143302/nos-que-aqui-estamos-por-vos-esperamos.shtml](http://www.revistaencontro.com.br/app/noticia/revista/2013/05/07/noticia_revista_143302/nos-que-aqui-estamos-por-vos-esperamos.shtml)> Data de acesso: 13/06/2016.
- 10 LEIS MUNICIPAIS. Belo Horizonte. Lei ordinária 10.655/2013. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/2013/1066/10655/lei-ordinaria-n-10655-2013-inclui-o-cemiterio-do-bonfim-nos-roteiros-turisticos-e-culturais-do-municipio?q=Lei%2010.655%2F2013>> Data de acesso: 13/06/2016.
- 11 Na atualidade, este material de divulgação está sendo renovado através de bolsa de iniciação científica do CNPq, conferida à Laís Rocha, que atua na revitalização gráfica de toda a identidade visual do projeto.



Figura 9. Folder educativo e informativo sobre o Cemitério do Bonfim, edição 2016



Fonte: Acervo do Projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, produção gráfica, Laís Rocha

Para dar sequência às pesquisas acerca do cemitério, desde 2013 foram disponibilizadas cinco bolsas de iniciação científica, por parte do PAPq (Programa de Apoio à Pesquisa) da Universidade do Estado de Minas Gerais, do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais). Para cada bolsista é proposto um plano de trabalho associado ao projeto, respeitando as *expertises* e capacidade dos discentes selecionados. As atividades são diversas: acompanhamento e registro de imagens durante os eventos; pesquisa e mapeamento do acervo das quadras, explorando seu conteúdo para que possam integrar os roteiros; planejamento gráfico e visual da identidade do projeto e proposição de ações que possam ser incorporadas ao evento, no sentido de aprimorar o conteúdo da visita.

Em 2014, a equipe do projeto se inscreveu na 1ª Edição do *Prêmio Mestres e Conselheiros*, de caráter nacional, promovido pelo *Fórum Mestres e Conselheiros – Agentes Multiplicadores do Patrimônio*, em reconhecimento às ações de educação patrimonial que, em razão do seu caráter exemplar, merecessem registro, divulgação e reconhecimento público.<sup>12</sup> O projeto foi contemplado, entre os três melhores projetos de educação patrimonial, recebendo um certificado que reconheceu a experiência exitosa nesta área de atuação (Figura 10).

12 Projeto da ED UEMG no Cemitério do Bonfim recebe prêmio oficial. Disponível em: < <http://www.ed.uemg.br/noticias/2014/06/projeto-da-ed-uemg-no-cemiterio-do-bonfim-recebe-premio-nacional>> Data de acesso: 13/06/2016.

Figura 10. Certificado de premiação



Fonte: Acervo do Projeto "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial"

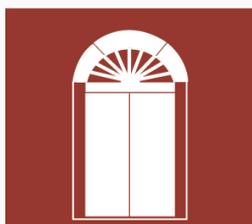
A proposta das visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim também foi incluída nos eventos vinculados à *Virada Cultural*, de 2015 e de 2016<sup>13</sup>, e na programação da *14ª Semana de Museus*, promovido pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e realizada entre os dias 16 e 22 de maio de 2016, com a temática, "Museus e paisagens culturais", que incluiu as visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim (ver Figura 11).

13 Divulgada a data da Virada Cultural de BH em 2015. Disponível em: < <http://www.soubh.com.br/noticias/gerais/divulgada-a-data-da-virada-cultural-de-bh-em-2015/> > Data de acesso: 13 de julho de 2016. Programação da Virada Cultural 2016. Disponível em: < <http://viradaculturalbh.com.br/2016/programacao/##Cemiterio%20do%20Bonfim> > Data de acesso: 13/06/2016.

**Figura 11. Material de divulgação da visita guiada durante a 14ª Semana de Museus, 2016**

**Fonte:** Acervo do Projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, projeto gráfico de Laís Rocha em parceria com o Centro Cultural UFMG

Outro importante aspecto decorrente destas atividades foi o processo de construção da identidade visual do projeto, com apoio de uma bolsista em design gráfico, que está realizando o trabalho de pesquisa e construção da marca e do material de divulgação do projeto, que teve como resultado o logotipo apresentado na figura 12.

**Figura 12. Logomarca do projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”**

**CEMITÉRIO DO BONFIM**  
arte, história e educação patrimonial

**Fonte:** Acervo do Projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, projeto gráfico de Laís Rocha bolsista iniciação científica, CNPq

Para além da manutenção das atividades de condução e conscientização da importância das visitas, as ações do projeto têm buscado alcançar os seguintes objetivos: ampliar o atendimento aos visitantes, especialmente escolas do Ensino básico; treinar e qualificar monitores que possam auxiliar na condução das visitas; propor oficinas para qualificar funcionários, guarda municipal e administradores do cemitério; realizar obras de conservação e restauro no prédio do necrotério, uma vez que o mesmo tem sido mantido fechado e, apesar de ser o único bem tombado no cemitério pelo patrimônio histórico, desde 1977, não é utilizado de modo produtivo. Construído em 1895 para ser um necrotério, em um espaço laico, o necrotério é uma construção característica e peculiar do Cemitério do Bonfim. A ideia que, por meio de intervenções adequadas, seja permitida sua ocupação e uso da maneira mais democrática possível tem sido defendida pela equipe. Está ainda sob análise a realização de um projeto a ser conduzido pelos graduandos do curso de Design, de Ambientes da Escola de Design, da UEMG, com o objetivo de transformar o espaço em *Centro de Memória do Cemitério do Bonfim*, no qual possam ser realizadas palestras, receber visitantes, exibir filmes, propor debates e, ao mesmo tempo, que se torne um ponto de apoio turístico.

## Apontamentos finais

O projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação” recentemente completou quatro anos de existência nesse formato, que propõe as visitas guiadas em diálogo com a sociedade belo-horizontina e, concomitantemente, uma compreensão do espaço como local de investigação e atuação do corpo acadêmico, sejam docentes e discentes, em busca de temas e objetos de pesquisa.

Trata-se de uma atividade de campo que interage com os pilares fundamentais que sustentam o ensino superior, quais sejam: ensino, pesquisa e extensão. A proposição de atividades de fruição, apreciação e conhecimento dos espaços fúnebres não é uma novidade, pois há experiências sendo desenvolvidas em várias cidades do Brasil e do exterior. Entretanto, a proposta que se realiza em Belo Horizonte traduz um esforço coletivo de instituições públicas que, possuidoras de missões diferentes, buscam um ponto de interseção, que é zelar pelo patrimônio cultural público, por meio de ações de educação patrimonial, de estímulo à pesquisa e aprimoramento científico, bem como da devolução de tudo que se constrói, pela atividade extensionista.

As visitas realizadas no espaço cemiterial integram e proporcionam a produção de identidades, auxiliam a construção do pensamento e ação, no tocante à preservação e políticas de tombamento, além da necessidade de reflexão acerca do cuidado com a memória coletiva, bem como da memória individual. Por intermédio do projeto tem sido permitida uma inserção e intervenção no espaço cultural, artístico e cultural da cidade, evidenciando essa iniciativa que, concomitantemente, destaca-se como atividade pedagógica que almeja educar para o futuro, pensando sobre o passado e estimulando, no presente, as iniciativas para a preservação das memórias e identidades.



## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Belo Horizonte, Arraial e MetrÓpole: memória das artes plásticas na capital mineira. In: RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro da. (org.) *Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora C/ARTE / Fundação João Pinheiro / Centro de Estudos HistÓricos e Culturais, 1997. Coleção Centenário. 493p.

\_\_\_\_\_. MemÓrias, lembranças, imagens: o cemitério. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXX, n.1, p.105-122, junho 2004.

\_\_\_\_\_. *Morte, Cultura, MemÓria: MÚltiplas Interseções*. Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. 404p.

BELL, Julian. *Uma Nova História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 496p.

BORGES, Maria Elizia. *Arte Funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. 312p.

BORGES, Maria Elizia; SANTOS, Alcineia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa Tavares Silva. (Orgs.) *Estudos Cemiteriais no Brasil: Catálogo de Livros, Teses, Dissertações e Artigos*. Goiânia; UFG/FAV/Ciar/FUNAPE, 2010. 128p.

CATROGA, Fernando. *O Céu da MemÓria*. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra, Liv. Minerva Editora, 1999.

CASTRO, Elisiana Trilha. *Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008)*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. 210p.

COUTINHO, Maria dos Santos Gomes. *Há morte nas catacumbas? Um estudo sobre turismo negro*. 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão e Planejamento em Turismo) – Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, 2012. 218p.

GOMBRICH, Ernest Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 688p.

MENEZES, Rachel Aisengart. Tecnologia e "Morte Natural": o morrer na contemporaneidade. *Physis* (UERJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 13, n.2, p. 367-385, 2003.

\_\_\_\_\_. A solidão dos moribundos: falando abertamente sobre a morte. *Physis* (UERJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 147-152, 2004.

\_\_\_\_\_; GOMES, Edlaine Campos. ?Seu funeral, sua escolha?: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia* (USP. Impresso), v. 54, p. 89-132, 2011.

\_\_\_\_\_. A medicalização da esperança: reflexões em torno de vida, saúde/doença e morte. *Amazônica: Revista de Antropologia (Online)*, v. 5, p. 478-498, 2013.

MUNDIM, Luis Gustavo Molinari. As necrópoles como patrimônio cultural: reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte. *Anais do XXVI Simpósio Nacional*



de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879538\\_ARQUIVO\\_TextoAnpuh\\_Luis\\_Molinari.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879538_ARQUIVO_TextoAnpuh_Luis_Molinari.pdf)>. Acesso: 13/07/2016.

NOGUEIRA, Renata de Souza. *Quando um cemitério é patrimônio cultural*. Dissertação (Mestrado em Memória Social-Memória e Patrimônio) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. 128p.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio Cultural: memórias, ensino e identidade social. In.: PELEGRINI, Sandra C. A.; NAGABE, Fabiane e PINHEIRO, Áurea da Paz (Orgs.). *Turismo & Patrimônio* em tempos de globalização. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2010.242p.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 1991. 357p.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997. 274p.

\_\_\_\_\_. *Nas fronteiras do Além: A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005. 390p.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Engenheiro Aarão Reis: o Progresso como Missão*. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento/Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 286 p.

SILVA, Érika Amorim. *O cotidiano da morte e a secularização da morte em Belém na Segunda Metade do Século XIX (1850-1891)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 2005. 234p.

TOLENTINO, Atila Bezerra. *Educação Patrimonial*. Reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012. 104p.

*Recebido em: 12 de julho de 2016*

*Aprovado em: 21 de julho de 2016*

